

4.990/A

30/3

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», vol. III, n.º 7, Setembro de 1910

BRITO ARANHA

SOCIO CORRESPONDENTE

3666

Antes e depois da batalha do Bussaco

Factos e homens d'essa epocha memoravel



LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia

1910

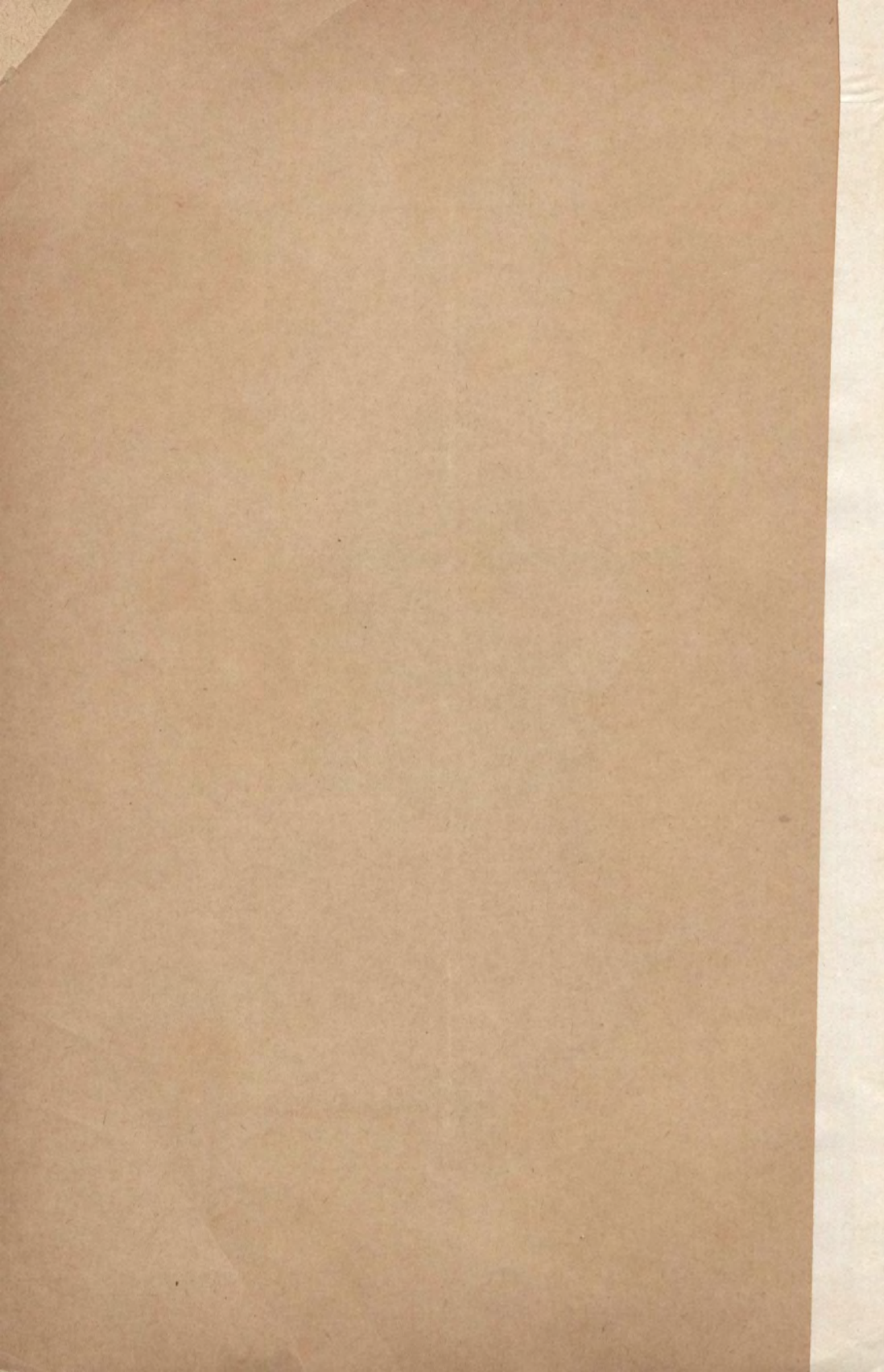


A' honravelle Commissão Executiva da Guerra Peninsular

Offe

Enito Ambrósio
1911

Antes e depois da batalha do Bussaco





ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», vol. III, n.º 7, Setembro de 1910

BRITO ARANHA

SOCIO CORRESPONDENTE

Antes e depois da batalha do Bussaco

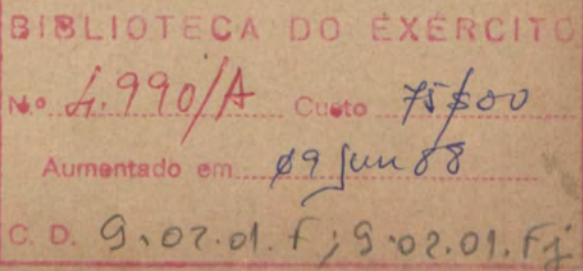
Factos e homens d'essa epocha memoravel



LISBOA

Por ordem e na Typographia da Academia

1910



I

No livro, em que eu puz o fructo de demoradas investigações bibliographicas e historicas, relativas aos extraordinarios successos da Guerra Peninsular, disse que vira em casa de um illustre brasileiro papeis de importancia, alguns ineditos, que se referiam a esse periodo, para os portuguezes muito glorioso; mas, por não ter pedido a devida auctorisação, de que não me desobrigo na vida da imprensa, e me faltar o tempo para o fazer, não revelei o nome do possuidor. Posso agora fazel-o, porque se me proporcionou o ensejo e voltei a novo exame n'esses papeis.

O possuidor é o sr. dr. Alberto Lamego,¹ advogado estudioso e perseverante, que reside em Portugal desde 1907

¹ O sr. dr. Alberto Lamego é natural do Estado do Rio de Janeiro. Tem o curso de sciencias juridicas e sociaes pela Academia de S. Paulo, onde recebeu com distincção o diploma de bacharel. Tem exercido a advocacia não só no Rio de Janeiro e em Campos, mas desempenhado varias commissões de serviço publico; dedica-se a estudos historicos e está organisando a sua bibliotheca particular para desenvolver esses estudos. Em 1907 veiu á Europa e resolveu estabelecer a sua residencia em Lisboa, como escrevi acima.

e veio para entre nós como procurando meio que se lhe tornasse mais propicio na continuação dos seus estudos historicos, especialmente sobre a importante região dos Goytacazes, para os quaes estudos elle tem accumulado avultados materiaes já encontrados nas bibliothecas nacionaes; mas, como ao seu amor ás investigações não poz barreiras, ampliou as pesquisas e colligiu, incidentemente e com louvavel empenho, outros documentos que respeitam tanto á historia do Brasil, sob diversos aspectos desde os tempos coloniaes, como á historia de Portugal em todas as suas relações com aquella uberrima região americana.

Assim, na bibliotheca particular do sr. dr. Alberto Lamago vi não só os documentos que n'essa occasião me interessavam ácerca da Guerra Peninsular, que os possui em grande copia, porém outros não menos interessantes e valiosos, que me poderão servir para diversos estudos. Encontrei alguns ineditos, curiosos e fidedignos, como officios, contas, relatorios mais ou menos extensos e cartas particulares, confidenciaes, em que eram descriptos com vivas côres os assaltos, vexames e maleficios de toda a ordem commettidos pelas tropas francezas do commando dos generaes de Napoleão Bonaparte, as quaes, é mais que sabido na peninsula iberica, não passaram de hordas indisciplinadas e rapinantes. Não é necessario exaggerar. Para se reconhecer a verdade basta a singelissima narração dos factos, basta reproduzir os documentos que ainda existem e trazer-os agora á deslumbrante luz da maravilhosa publicidade os que se conservam ainda intactos ou ineditos.

Esses documentos vão apparecendo em numero tão avultado que a difficuldade está na escolha, e alguns teem estado occultos por muitos e longos annos em mãos de quem não os poderiam devidamente apreciar, o que me faz pensar, á vista de escriptos impressos e divulgados, pelo as-

sim dizer, no primeiro decennio do presente seculo, que ainda não pode com segurança escrever-se a historia da Guerra Peninsular com todas as minucias que lhe dêem relevo, auctoridade e certeza, pois no confronto e apreciação de documentos, que se me figuram a expressão da verdade, uns destroem outros, ou dão feições diferentes na rigorosa e austera deducção critica.

II

Depois da celebre batalha do Bussaco, Massena atreveu-se a informar o major-general, principe de Wagram, em Paris, que, por excessos praticados pelo exercito de lord Wellington, as povoações de Portugal, que se iam atravessando, estavam em situação muito desgraçada; que o celebre general inglez não se atrevera a dar-lhe batalha em campo aberto, e que em nenhuma epocha da historia appareciam exemplos de tão intensa barbaria.

Ora, o que o general Massena, o «filho querido da Victoria», deveria ter dito era — que a marcha dos soldados submettidos ao despotismo de Napoleão I fôra demorada por desintelligencias entre os chefes que commandavam as diversas unidades do seu exercito, e que a derrota no Bussaco fôra devida não só á valentia do exercito luso-britannico, em que teve parte brilhantissima e não presumida do contingente de recrutas, que estava encorporado nas forças portuguezas e combatia com ardor pela salvação da patria, mas tambem de certo á disciplina que Wellington conseguira manter n'esse extraordinario momento, e os graves erros commettidos pelos generaes francezes que emprehendiam marchas arriscadas em terrenos accidentados e de difficil trilho sem os terem devidamente estudado e explorado, como era dever indeclinavel. Além

d'isso, era sabido que alguns officiaes portuguezes, obrigados a seguir nas fileiras dos francezes encorporados no estado maior de Massena, vendo-se em terras portuguezas, isto é, no seio da patria, vendo esta em eminente ruina completa, retrahiram-se, conservaram-se calados e apresentaram-se ignorantes, declarando que não podiam dar informações que satisfizessem para o bom exito da campanha, allegando que não tinham estudado militarmente aquelles terrenos porque não lhes fôra necessario.

Com taes contrariedades e com a derrota, que era como uma nuvem espessa e negra, ameaçadora de horrendo temporal, como depois se foi desenvolvendo cada vez mais com peor aspecto, era natural que a soldadesca sahisse do Bussaco sem freio, sem ordem, sem moral e sem disciplina, e que se partisse d'alli desenfreada, com ancia de vingar-se nos que lhe prepararam tão espantosa derrota, embora tivessem de sacrificar innocentes, o povo inerme, que não podia livrar-se de emboscadas nem defender-se de crueldades.

III

Massena, vendo perdido o seu prestigio militar, humilhado o seu valor strategico, esmagadas as hostes que orgulhosamente levára á gloria nos combates em honra do seu imperador, e enlameadas as aguias nos declives do Bussaco, em vez de tentar reanimar os seus soldados escravizados á sua filaucia e ao seu orgulho, e incutir-lhes nova força para proseguir na lucta que desde então se lhe devia representar desigual nas terras portuguezas, a que elle de certo não ligára até aquella data memoravel a maior importancia porque não avaliava o valor do povo, cujo torção natal se comprazeria em esmagar; em vez d'isso, é for-

goso repetir, que lhe daria algum alento em tamanha derrota, gritou-lhes:

— Vão para a frente! Estamos em terra inimiga, que nos deixou quasi sem alimento! Vamos, ávante! Procurem os recursos, assenhoreiem-se do que encontrarem, não poupem coisa alguma!

Estas vozes correram, reproduziram-se alto e o que ellas significavam em ordens expressas para a soldadesca indisciplinada e esfomeada executaram-se, cumpriram-se e excederam-se com atrevimento inacreditavel. O que veio a saber-se, o que se contou, o que se escreveu em papeis, alguns dos quaes não divulgados pelo seu character particular, mas fidedignos como revelações confidenciaes, que depois se confirmaram, é espantoso, inaudito! O que parecia inverosimil, phantastico, impossivel de realisar-se, desencadeava-se n'um excesso de barbaridade e constituiu um facto que se consumou para ficar gravado na historia com reprovação universal sem que seja possivel apagar-se!

N'esse empenho funesto confundiu-se o superior com o inferior. Nos actos criminosos de depreciação e de depravação egualaram-se. Collocaram-se no mesmo nivel. Mas distingua-se, separe-se, tornem-se responsaveis perante a historia os que devam cobrir-se não com os louros dos triumphos, que ficaram obscurecidos, mas com os espinhos das ignominias, de que se coroaram e não devem obliterar-se. A França luminosa, que fazia surgir com deslumbramentos nos fins do seculo XVIII a aurora de novas eras, que fazia raiar em horizontes dilatados e aureos os ideaes da liberdade e da fraternidade, não podia ser responsavel por tão execrandos factos.

Não partiram taes successos de circumstancias mais ou menos graves, fortuitas, e das consequencias da guerra sem treguas, que tem excessos momentaneos, irreflectidos, que podem remediar-se ou absolver-se; porém foram calcula-

dos, premeditados e ordenados com frieza, cynicamente, barbaramente, originados em excepcionaes circumstancias de insaciavel rapina. As aguias desciam para isso! Não eram attendidos, nem ouvidos, os gritos lancinantes das mães, as lagrimas das virgens, as reclamações e os protestos dos que não podiam arrastar-se nas estradas para defender os seus lares, os seus haveres, as suas familias e os seus templos, que não podiam servir-lhes de ultimo refugio!

Escrevendo-se isto a 100 annos de distancia parece obra phantastica. Não é!

IV

A indisciplina, a selvajaria, os repetidos actos de vandalismo e rapinagem, de que deram tão dolorosas provas ao assolar as povoações portuguezas e damnificar por variados modos a vida e os costumes dos seus habitantes que tinham de defender os lares das hordas que os assaltavam, vinham de longe e não tinham sido reprimidos nem sofreados pelos commandos, a começar por Bonaparte, que na sua insaciavel ambição ao entrar na Italia, ao findar o seculo XVIII, pensava como devia augmentar o seu poder espesinhando as povoações que fugiam aterrorisadas, porém enthusiasmado pela série de triumphos em que se embriagava, queria erguer os vôos de ave de rapina em proveito proprio e em beneficio das pessoas da sua familia, com as quaes desejava partilhar os quinhões gordos que ia usurpando.

Não me auxiliarei dos elementos que me forneça a historia de França com o testemunho dos seus historiadores mais consagrados. Valer-me-hão outros cooperadores não menos dignos de estudo e attenção; e, no meu caso, a que prestarei justa homenagem, porque se filiam no grupo dos

estudiosos e esmerilhadores francezes que se afastam do caminho deprimente das lisonjas e das conveniencias humilhantes para renderem culto á verdade.

Na historia da imprensa franceza no seculo XVIII ha muitas figuras que se ergueram acima do commum e que deixaram rasto luminoso na sua carreira sem que possa deixar de se considerarem pelo que realmente valeram e produziram. São figuras que se destacam do vulgar. Volvem os annos, mas os seus trabalhos brilham como pharoes de dilatada luz e esclarecem as paginas da historia com fulgurantes ensinamentos. A historia, para ser verdadeira e fiel, e não illudir, tem de ser por vezes aspera e cruel. Não pode occultar-se atraz das ciladas da rhetorica nem envolver-se nos meandros das conveniencias e dos interesses particulares. Procurei uma d'essas figuras e não me foi difficil encontral-a. Pertenceu ao exercito, esteve na Italia sob as ordens de Bonaparte e dos seus immediatos, que elle sabia escolher e elevar conforme os seus caprichos de momento, e serviu uma arma scientifica — a artilharia — a arma predilecta do chefe que depois subiu ao throno imperial com o nome de Napoleão I, o agoite, o verdugo da Europa.

Tem nome brilhante nos annaes das boas lettras e será apreciado pelos que saibam aquilatar o que custa a adquirir-o, sem processos banaes de reclamos ou conluios do elogio mutuo, mas sómente pelo valor dos estudos e dos escriptos. Chama-se Paulo Luiz Courier, um estudioso, um erudito, que se consagrou com amor intenso a investigações artisticas e archeologicas ao ponto de esquecer-se dos deveres militares. Apaixonado hellenista e philologo, sacrificava tudo para se entregar ao estudo da arte grega e desaparecia da convivencia dos camaradas para se refugiar n'alguna sala ou bibliotheca particular, onde pudesse vêr, admirar e inquirir, ácerca dos primores das antiguidades da Grecia. Repugnavam-lhe as barbaridades da guerra,

commoviam-no os quadros lastimosos que o forçavam a presenciar. Podia em Roma satisfazer a anciedade do estudioso e tomar notas ácerca do que ia occorrendo e lhe despertasse a attenção.

Mas, após as invasões do exercito francez para sub-metter a Italia, o que viu? Por todas as partes, ruínas, destroços, vandalismos. Casas assoladas, preciosidades roubadas, estatuas ou objectos de arte mutilados ou destruidos. Que espectáculo e que desgraça! Na sua correspondencia particular, Courier escreveu:

«Nós, conquistadores, arrebatados pela victoria, não sabemos hoje onde estaremos amanhã. Á procura da gloria encontramos a morte.»

N'um trecho d'essa correspondencia celebre muito bem aproveitada no estudo critico de Armand Carrel, obra de folego d'este malogrado periodista, apresenta-se o seguinte quadro verdadeiro, porque é de testemunha presencial:

«Os monumentos de Roma não teem sido melhor tratados que o povo. Os baixos-relevos da columna Trajano foram poupados porque não chegaram lá os fios das espadas... Choro ainda um lindo Hermes menino, que visitára, vestido com o seu capuz de pelle de leão e com a sua maça ás costas. Havia, como se sabe, um Cupido occultando as armas de Hercules, trecho de um precioso trabalho grego, se não me engano. Lá está só a base e n'ella escrevi algumas palavras a lapis. Os fragmentos dispersos fariam morrer de dôr Mengs e Winckelmann, se tivessem a desgraça de viver mais algum tempo para vêr este espectáculo.

«Tudo o que existia nos Chartreux, na «villa Albani», nas casas Farnese, Onesti, museu Clementino, no Capitolio, foi levado, roubado, perdido ou vendido... Os sol-

dados, que entraram na bibliotheca do Vaticano, destruíram, entre outras raridades, o famoso Terencio do Bembo, manuscripto estimado, porque tinha alguns ornatos dourados. A Venus, de Borghese... tem os pés mutilados.»¹

E assim por diante.

Ha mais. Este celebre pamphletario, humanista, critico e polemista vigoroso, quando viu que o general Bonaparte, na sua nevrose ambiciosa anciava por sahir da situação em que o collocara o directorio para alcançar outra mais alta sem considerar os meios, apreciava-o d'este modo:

«Um homem como Bonaparte, soldado, chefe do exercito, o primeiro capitão do mundo, quer que lhe dêem o titulo de majestade...! Ser Bonaparte e fazer-se Senhor...! Aspira a descer...»

No seu precioso estudo relativo á vida e ás obras de Courier, accrescenta Armand Carrel:

«... na elevação de Bonaparte ao imperio Courier viu antes influxo de vaidade digno de lastima do que attentado de ambicioso. O vocabulo usurpação não lhe occorreu para caracterisar o emprehendimento do novo Cesar e não se envolveu contra elle na sombra odiosa de um Bruto. O imperio com as suas rosetas, os seus titulos, as suas altas dignidades, os seus principes, os seus duques, os seus barões, estropiando a lingua e a etiqueta, a sua grotesca fusão da nobreza dos dois regimens, as suas conquistas feudaes e a sua divisão de reinos, se lhe figu-

¹ *Œuvres de P. L. Courier*, t. III, edição de 1839, nas *Lettres inédites écrites de France et d'Italie*, pag. 33.

raram uma farça por vezes odiosa, mas sempre excessivamente ridícula. Nas cartas de Italia, escriptas de 1803 a 1809, extrahiu os traços da mais acerada satyra contra esses generaes que se tornavam majestosos á imagem do imperador, contra esses estados maiores transformados em outras tantas côrtes e entregues á cabala da parentela, á adoração dos nomes antigos e das illustrações novas. Era de certo a epocha apreciada pelo seu lado ridiculo...»¹

Courier foi obrigado a sahir de Roma quando as forças do exercito em que estava incorporado teve de retirar d'aquella cidade, e Armand Carrel refere a este proposito o seguinte:

«Servia na divisão de Macdonald que, marchando de Trebia, ia deixar Roma. Esta divisão capitulara e embarcava para ser transportada á França. Courier quiz ir á bibliotheca do Vaticano para lhe dar o adeus derradeiro, mas esqueceu-se da hora da partida da divisão, a que pertencia, e quando sahiu para a alcançar não havia já em Roma sequer um soldado francez. Anoitecera. Reconheceram-no ao pallido clarão da lampada accesa ante uma imagem da Virgem. Gritaram os do povo sobre elle: Fóra o *giacobino*! Desfecharam uma espingarda apontada para elle, porém a bala foi matar uma pobre mulher que estava na turba. Courier apoveitou-se do tumulto, correu a occultar-se no palacio de um nobre romano, que o estimava e lhe dera agasalho, e que depois o auxiliou na fuga. Eis como elle deixou Roma e a Italia por primeira vez.»²

¹ *Essai sur la vie et les écrits de Paul Louis Courier*, á frente das suas obras, edição de 1839, pag. 20, estudo de alto valor.

² *Loc. cit.*, pag. 17.

Citei dois illustres escriptores francezes, que de certo ao presente não são consultados, porque sobre elles decorreu quasi um seculo, posto que nas suas obras haja ainda lição aproveitavel. Direi do fim tragico de ambos. Armand Carrel foi morto em duello por Emilio Girardin, bem conhecido na imprensa mundial. Depois d'este homicidio tolerado pelos usos da sociedade, Girardin declarou que d'alli em diante não acceitaria duello quaesquer que fossem as circumstancias em que lh'o propuzessem, e cumpriu. Courier foi morto á traição com um tiro quando entrava em casa. Este crime occorreu em abril 1825. Das investigações que se fizeram para descobrir o assassino nada resultou de positivo. Quem seria o aggressor? Algum despeitado, algum invejoso, e, na região agricola solar de Courier, por cujo desenvolvimento elle tanto se afdigara, como o provou nos seus opusculos vibrantes e modelares, algum dos ingratos convizinhos que o rodeavam e cortejavam. Quem o soube? O crime sumiu-se nas trevas do impenetravel.

É bom e util escavar no passado.

V

Deixo a peninsula italiana, onde se viu o negro quadro que expuz, e embrenho-me nas montanhas e nas terras da peninsula iberica para a exposiçào de outros. Ligam-se os periodos e nas occorrencias ha certamente parecenças nas suas linhas tetricas.

Tenho na minha mesa de trabalho grande numero de documentos relativos a esse ominoso periodo e não sei como deva fazer a escolha. Será difficil a selecção porque, no meu entender, deviam apresentar-se todos pela sua alta importancia historica, mas n'este trabalho re-

sumido é impossivel, pois não posso dispôr do espaço que me seria necessario. Servir-me-hei de um apenas, ao acaso.

Em meio anno 1811 ainda era prior na freguezia de S. João Baptista, do Cartaxo, o padre Antonio Teixeira Leitão. Este sacerdote estava na séde da sua parochia quando, após a batalha do Bussaco, foi invadida pelas tropas francezas, que alli permaneceram um mez. Teve de fugir deante dos malfetores, mas livre a povoação d'essa horda colligiu algumas notas e escreveu uma *Relação*, cujo autographo tenho em meu poder. Logo no começo diz que, antes da invasão em outubro 1810 a freguezia contava 800 a 900 fogos com 3:000 habitantes, e depois podia calcular-se que esses algarismos desceram a 500 ou 600 com 2:000 habitantes; e que a destruição em propriedades publicas e particulares foi espantosa. N'aquella epocha na villa existiam a egreja matriz, um convento de religiosos franciscanos e quatro ermidas e capellas publicas. Duas dentro da povoação e duas em propriedades ruraes particulares.

Eis o que escreveu o padre Leitão. É a amostra dos maleficios:

«A egreja matriz foi logo roubada e da mesma fórma o sacrario, e tudo que acharam de algum valor foi saqueado. Um altar foi inteiramente destruido e uma devota imagem de Nossa Senhora do Rosario, que n'ella se venerava, foi despedaçada, e todas as mais imagens tiveram a mesma sorte tanto na egreja matriz como no convento e nas ermidas, á excepção de muito poucas, que se acharam ainda nas egrejas ou em casas particulares. Os primeiros que vieram ao Cartaxo depois da retirada do inimigo contam que ainda acharam nos adros alguns restos das imagens despedaçadas. Um orgão que havia na egreja foi inteiramente destruido, e nem vestigios d'elle se acharam. Igual estrago fizeram no convento e o mesmo

ou maior ainda em algumas das ermidas, e todas foram reduzidas a usos os mais profanos e indignos. Alguns affirmam que a igreja matriz serviu por algum tempo de cavallariça...

«Não será facil calcular e descrever os males e prejuizos que estes barbaros inimigos trouxeram aos moradores d'esta terra. Além de perderem quasi toda a colheita, suas casas foram repetidas vezes saqueadas pelos inimigos, e tambem por alguns indignos portuguezes que aqui ficaram. Quasi tudo que n'ellas ficou foi, ou roubado, ou destruido; portas, janellas, fornos, toneis e pipas, e até os proprios lagares, e tudo que serve para a factura dos vinhos; e como quasi todos os moradores recolhem mais ou menos vinho, é indizivel a falta que 'essas coisas lhes fazem, e muito grande o prejuizo que n'isso padeceram.

«Sobre todos estes damnos, alguns perderam a propria vida. Por ora só sei de 11 ou 12, que acabaram cruelmente ou na bocca das espingardas ou na ponta das espadas e baionetas, e muitos d'estes só porque os viam fugir, ou porque os encontravam com alguma arma nas mãos. Entre estas victimas merece toda a compaixão e é capaz de excitar toda a indignação contra aquelles monstros da crueldade um innocente de poucos mezes de idade. Arrebatarem a mãe para abusarem d'ella, e quando esta infeliz voltou achou o filho no berço nadando em sangue com o nariz cortado ou com os olhos furados. Além d'estes são muitos os homens que vieram a morrer em consequencia das pancadas e feridas que d'aquelles verdugos recebiam e dos trabalhos excessivos a que os obrigavam, como por exemplo andarem quasi nus e descalços, e quasi morrendo de fome, a carregar quartos e odres de vinho, a fazer aguardente de dia e de noite, a moer farinhas, etc. São tambem muitas as desgraçadas mulheres que vieram a morrer em consequencia de inauditas violencias que padeceram.

«Faz horror e mete a maior compaixão ouvir os excessos a que chegou a barbaridade franceza contra as infelizes mulheres que tiveram a desgraça de cahir nas garras d'aquelles leões. Não perdoaram nem á mais tenra idade, nem a velhas de 70 e 80 annos, algumas das quaes andavam mendigando pelas portas, nem mesmo a algumas que achavam gravemente doentes, e alguns paes e mães, maridos e irmãos foram obrigados a serem testemunhas oculares dos mais horrorosos attentados commettidos contra suas filhas, mulheres e irmãs. Muitas andavam fugitivas escondendo-se em bosques e ribeiras, morrendo de fome e de miseria, e nem assim escapavam, porque por toda a parte eram procuradas e perseguidas; algumas morreram dentro de pouco tempo e outras desejavam a morte, e até foram tentadas a procural-a por suas mãos antes que soffrer aquelles barbaros verdugos.

«Foram d'aqui levadas violentamente quatro infelizes donzellas, todas na flôr da sua idade, das quaes não houve mais noticia, á excepção de uma, que ouço dizer que fôra dar a Lisboa. Emfim, n'esta materia por muito que se diga tudo é pouco, e ainda se não sabe tudo, nem pode saber, porque as mesmas que foram victimas, ou já morreram, ou não se atrevem a contar o que soffreram.

«No artigo dos estragos feitos nas casas d'este logar me esqueceu dizer que algumas foram arruinadas inteiramente e outras incendiadas, sendo do numero d'estas ultimas as da minha residencia, onde deixei escondido o mais precioso, tanto meu como da egreja, e onde nada escapou á rapina e á voracidade das chammas, sendo para lamentar mais que tudo a perda do archivo da mesma egreja por ser de damno irreparavel.

«Eis aqui uma breve e triste pintura dos crimes e atrocidades delictos que aquelles inimigos de Deus e da humanidade commetteram n'esta freguezia e dos males que causaram aos seus moradores, no breve espaço de pouco mais

de um mez, em que desgraçadamente foi por elles occupada. Não é mais que uma sombra; mas poderá servir para se formar alguma idéa do que foi uma realidade...»

VI

Nos autographos que colligi vejo tambem a conta dada pelo padre Francisco Xavier da Silveira, vigario de Landal, que dista uns 10 kilometros da villa de Obidos, na qual se refere á invasão de um grupo numeroso de praças de infantaria e cavallaria do exercito francez no começo do mez de outubro 1810, que parecia de salteadores e esfomeados, e á sua approximação logo o povo, e principalmente as mulheres, fugiram para os bosques, mas ahi as foi maltratar e insultar a soldadesca. Este documento é datado de 20 de abril 1811.

Outro documento, authenticico, tem a data de 15 de junho 1811, com a assignatura do reitor padre José Joaquim Pimentel. O signatario poz-lhe o titulo *Relação dos roubos, mortes, violencias, desacatos e atrocidades que fizeram os francezes n'esta freguezia do logar de Bombaral, termo de Obidos.*

D'este documento basta copiar as seguintes linhas:

«Arrombaram quatro portas que acharam fechadas, arcas e gavetas, e deram saque geral a tudo que n'ellas acharam e lhes fez conta para vinho, gado e creação, e principalmente roupas brancas, e tudo conduziram em bestas que traziam do Cadaval, e a algum passando, que apanhavam, lhe despiam a camisa e calçado e os faziam cargar com os roubos para traz da serra, e lhe davam pancadas para caminharem com as cargas, e se algum lhe queria fugir lhe atiravam á bala, e assim mataram dois homens e a um mataram com as baionetas...»

Ahi ficam esses quadros. Teem côres vivas, carregadas e negras, em claro escuro que os sombreiam em demasia e causam pavor! Taes scenas não foram unicas n'essas regiões mencionadas. Reproduziram-se, mais ou menos truculentamente, em todas as regiões pisadas, calcadas e martyrisadas pelas hostes napoleonicas!

O meu amor á patria rasga-me o peito para este desabafo.

VII

Nos ultimos mezes do anno 1810 e durante o anno 1811 foram compostas, impressas e distribuidas em separado muitas poesias, umas anonymas, outras de poetas já consagrados, que as dedicavam ao general Wellington, exaltando-lhe as virtudes civicas e as aptidões militares, sendo o maior numero d'ellas impressas em Portugal, e outras sahidas dos prelos do Rio de Janeiro, cuja imprensa regia fôra estabelecida havia decorrido pouco tempo por decisão do governo do Principe regente, depois Rei D. João VI. Tive nas mãos uma em francez, laudatoria, da dita imprensa, com a data de 1811. Não a encontro registada no copioso inventario critico que em 1811 o sr. Alfredo do Valle Cabral, seu illustre director, publicou sob o titulo *Annaes da imprensa nacional*,¹ apesar do esmero e consciencia com que foi redigido. Esta omissão, como outras que venham a notar-se, explicam-se não só na deficiencia

¹ O livro *Annaes da Imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*, composto e impresso para a exposição de historia do Brasil, realisada no Rio de Janeiro em 1881, não é vulgar em Portugal, e no Brasil tambem se tornou raro, porque a tiragem foi limitada e creio que a maior parte para brindes. Á amabilidade com que me distinguui e honrou o sr. Valle Cabral devo o exemplar que possuo e conservo com estimação.

ou imperfeição dos respectivos registos, nos primeiros annos do estabelecimento da imprensa, mas tambem no desapparecimento de exemplares que não houvera o cuidado de guardar ou de acautelar devidamente nos depositos das officinas. Eu considero esse impresso extremamente raro. São duas paginas do formato de 4.º, nitidamente impressas e sem titulo, mas foi dedicado ao invicto general Wellington. Deixo aqui o começo e o fim:

Ó Vous, qui le premier avez mis des entraves
À la rage en fureur d'un vil peuple d'esclaves!
Terreur des Factieux, des innocents l'appui:
Vite, vite! Ecrasez votre fier ennemi,
Qui plein de son pouvoir, de soi même l'idole,
N'est qu'un fantôme vain, dont le bonheur s'envole,
Rebut de la Victoire, et pallissant de peur.
Il n'est plus son cher fils, ni la Gloire n'est sa sœur.
.....
Vite, vite! Enlevez votre rival *captif*!
Qu'il soit entre vos mains, qu'importe, ou *mort*, ou *vif*?
La Renommée déjà d'une voix immortelle
Répand dans l'Univers votre gloire éternelle.
Alors dans mon *jardin*, *bois antique et sacré*,
J'irai cueillir des fleurs, tranquille et reposé,
Chanter de vos vertus l'assemblage héroïque,
Dans Rome Fabius, et *Scipion dans Afrique*.
Agréez donc, *Mylord*, mon véritable encens,
Au nom de ma *Patrie*, au nom de mes *Enfants*.

VIII

É grande o numero dos que se sacrificaram pela patria durante a Guerra Peninsular; a lista dos serviços de alguns é extensa, espantosa, mas nem todos tiveram o registo que mereciam com justiça, com lealdade, como prova da gratidão nacional e como exemplo para as gerações do

futuro, porque os periodos ou lapsos de tempo que se seguiram foram nublados e tormentosos em luctas intestinas e porque tenho para mim que se perdeu consideravel copia de documentos e justificações. Uns dos benemeritos se esquivaram aos louvores e aos premios de que seriam dignos; outros não mais cuidaram de coisas publicas e conservaram-se afastados sem reclamarem em favor dos benesses ou das honras a que teriam jus, e outros succumbiram antes que pudessem provar os seus serviços e os seus merecimentos, qualquer acção em que se tornassem salientes, deixando extraviar ou destruir documentos de que os herdeiros ou successores não trataram de conservar intactos, e assim se foram perdendo os pontos de apoio seguros, de fórma a permittir investigações cordatas e sérias.

Não deixemos perder essas lembranças. Archivemos tudo quanto possa contribuir para honrar a memoria dos bravos que derramaram o seu sangue nos campos da batalha e que tiveram os seus lares arruinados e destruidos, de todos os que de qualquer modo contribuíram para livrar a patria dos inimigos que a assolaram. Pagamos a divida? Não! Cumprimos um dever tanto mais imperioso, quanto é certo que demonstramos assim que não nos olvidamos dos sacrificios a que se expuzeram para triumpharem!

Tenho agora tambem mais alguns documentos que mencionam factos extremamente honrosos para dois cidadãos que se nobilitaram n'essa memoravel campanha e, posto se encontrem de certo os seus nomes varias vezes em livros ou relações impressas avulso da epocha, faltam-lhe contudo pormenores que devem ser conhecidos e mais enfloram as paginas gloriosas da historia portugueza. Citarei, em primeiro logar, Antonio de Araujo Vasques da Cunha, senhor ou morgado de Pombalinho, no termo de Santarem, onde fôra lavrador abastado, tendo em sua casa mais

de 80 serviçaes, além dos homens empregados nas fainas agricolas, que constava alimentarem cerca de 200 familias nas circumvizinhanças.

Antonio de Araujo nascera no Porto em abril 1783. Tendo já nas fileiras do exercito seu irmão João da Cunha, e em posto elevado, que servia no 6.^o regimento de infantaria, inclinou-se para a carreira militar, assentando praça n'esse regimento. Ao alvorecer do seculo XVIII, quando contava pouco mais de 18 annos de idade, entrou em campanha, e já lhe tinham dado o posto de alferes. Em 1808, sendo tenente, ficou profundamente commovido com a invasão de Junot. Tentaram-no, como a centenaes de outros militares, que tiveram infelizmente de alistar-se, ou de obedecer, para entrar nas forças aqui organisadas no serviço de Napoleão Bonaparte, com o que se iam depreciando as forças vivas da nação, mas negou-se nobremente. Jurára defender a patria e o governo do reino, pela fôrma como era gerido, e poz-se immediatamente ao serviço dos que desde logo se oppuzeram aos desmandos e arbitrariedades que lavravam no dominio dos invasores e eil-o entusiasmado nas acclamações ao Principe regente nas varias regiões do Minho.

Depois entrou na organização da «Leal legião», em que tambem figuravam seus irmãos, e entrou com forças em Braga, Chaves, Cidade Rodrigo e outras terras de Hespanha, onde manteve o credito de bom official, valente e disciplinado. De tudo ia tomando nota e, para regular o seu futuro, ia pedindo os competentes documentos que podiam opportunamente servir-lhe. Assim, em 1809, vejo que Antonio de Araujo Vasques da Cunha requerera ao seu commandante, o coronel Frederico, barão d'Eben, que lhe dêsse um attestado dos serviços prestados, e alcançou o mais lisonjeiro que pode desejar um official que tem de honrar o seu brio, a sua farda, a sua bandeira e os seus juramentos, que não deve trahir.

N'esse documento, cuja publica-fôrma authentica tive presente, se declara que o supplicante, tendo sido escolhido para organisar a 2.^a divisão da «Leal legião lusitana», dando-se-lhe as funcções de major, desenvolvera actividade, zelo, patriotismo e intelligencia militar, em todas as diligencias de que fôra encarregado, dando (palavras textuaes do attestado) «repetidas provas de valor e intrepidez á frente do inimigo», pelo que o dito coronel barão d'Eben «julgou habil de dirigir e mandar os postos avançados na Galliza até que o mesmo corpo se recolheu a Portugal».

No honrosissimo documento citado accrescenta-se:

«Sendo-me requerido pelos povos de Montalegre um official do meu conceito para os dirigir e mandar no campo, o nomeei para este fim, o que desempenhou com o maior acerto, salvando a gente que commandava depois de estar cortado pelo inimigo, assim como as munições de guerra, que lhe tinha confiado para a defesa de alguns postos, dando-me exactas relações de todos os movimentos do exercito inimigo, e unindo-se logo ao batalhão o foi commandar, sustentando a força inimiga com extraordinario valor e intrepidez em todas as acções, mantendo com a maior vigilancia a boa ordem e disciplina da tropa, sendo o ultimo official que se retirou do campo mostrando constantemente que suas acções e procedimento são proprios do seu illustre nascimento...»

Este attestado, que não poderá considerar-se exagerado nem de simples favor, é datado de Lisboa em abril 1809 e a publica-fôrma lavrada em as notas do tabellião estabelecido em Lisboa Antonio Nunes Soares Correia, sob data de 6 de setembro do mesmo anno. Antonio de Araujo Vasques da Cunha não se demorou em deixar á familia esse precioso documento authenticado.

Pelos serviços prestados durante a Guerra Peninsular elle recebera a medalha de ouro, de que justamente se orgulhava.¹

IX

Emquanto outras informações fidedignas não venham destruir o que eu tenho lido deve considerar-se que o primeiro grito patriota de regeneração contra o dominio napoleónico gerido pelo Junot ou por seus agentes e sequazes, uns francezes e outros afrancezados, conhecidos e apontados entre as classes populares, no Algarve ergueu-se com ecco dilatado, na pequena povoação de Olhão, terra de pescadores, não muito cultos mas profundamente amigos da sua patria, e a gloria de dirigir as demonstrações civicas favoraveis ao governo legitimo coube por sem duvida ao então coronel José Lopes de Sousa, que servia lealmente a Rainha D. Maria I e o Principe regente no governo militar da Villa Real de Santo Antonio. Este facto, que influíu na marcha dos acontecimentos futuros, occorreu no dia 16 de junho 1808.²

¹ Quando estava na organização de uma força auxiliar para proseguir na campanha recebeu a triste noticia, que o sensibilisou sem o acobardar, de ter sido assassinado no Porto um de seus irmãos.

² Vem esta descripção interessante do que então se passou no Algarve na *Historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração d'este reino* por José Accursio das Neves, t. III, cap. xx, xxi e xxii, de pag. 270 a 304. Posto que não possa em tudo seguir as noticias que me deixou na sua obra, hoje não vulgar, ou por apai-xonadas, ou por inexactas e baseadas em informações mal sabidas ou mal transmittidas, ha comtudo no trabalho d'este escriptor esclarecimentos aproveitaveis, que servem de guia para outras investigações e que realmente assentam em bases mais solidas e em documentos mais fieis que não foram truncados ou adulterados de qualquer modo ao sabor do chronista.

Claudio de Chaby, no vol. III dos seus *Excerptos historicos*, de

Vale a pena rememorar como n'aquelle momento despertou a alma popular, a singela mas nobre alma nacional, nos seus arrancos patrioticos para auxiliar poderosamente os que se empenharam na lucta gigantéa, homérica, que se foi desenrolando em scenas tragicas, em episodios lugubres que fariam espantar o mundo.

No dia 11 mencionado festejava-se com solemnidade em Olhão o Corpo de Deus, que chamava á egreja parochial da Senhora do Rosario, não só o povo do lugar, mas tambem o de outros logarejos e aldeias, proximas e distantes. Alguns centenaes de habitantes alli estavam reunidos e notou-se que se concentravam em roda compacta demonstrando viva curiosidade. Um, no centro, apresentára um papel impresso e parecia que o lia em voz alta chamando a attenção dos que o rodeavam e ouviam estupefactos, assombrados, estarrecidos. De que se tratava? Junot, despeitado com as forças hespanholas, que não queriam obedecer-lhe e sujeitar-se aos caprichos e arbitrariedades do seu commando e desertavam, regressando a Hespanha ou internando-se em terras onde se consideravam a salvo dos actos de selvajaria que presenciavam, resolvera desarmal-as, o que effectuou ostentosamente, mandando redigir e imprimir para terem ampla divulgação dois papeis, um com o titulo *Proclamação* de arrogante intimativa e outro com a simples indicação *Ordem do dia*, porém ambos em linguagem aspera e offensiva, como era de uso empregar o general invasor francez com a insolencia aggravante de os mandar encimar com as armas imperiaes como se Napoleão I já estivesse em região conquistada e segura.

Era um d'esses papeis que o povo de Olhão ouvia lêr

pag. 59 a 61, tambem se refere á sublevação do Algarve, mencionando com o louvor merecido o que se deveu á dedicação e á actividade do coronel José Lopes de Sousa.

espantado da audacia, e foi n'essa occasião que o coronel José Lopes de Sousa sahira da casa em que habitava e se dirigira á egreja. Approximando-se do magote, interrogou:

— Que lêem ahí? a que prestam attenção?

E responderam-lhe a verdade dois ou tres sahindo do grupo.

Acto continuo o coronel Sousa avançou, visivelmente perturbado porque vira bem a qualidade do papel, lançou-lhe a mão, amarrotou-o, rasgou-o e lançou fóra com desprezo os fragmentos, testemunhando n'esse gesto a sua indignação.

— Não vêem que isso é de um inimigo invasor da nossa patria, — exclamou — que está espesinhando, insultando e maltratando? Nem sequer devem lançar os olhos para esse documento infame! Vamos, unamo-nos para expulsar esse desprezível soldado francez, que pretende captivar-nos, e dêmos a Portugal com o nosso esforço e o nosso patriotismo a liberdade e a independencia que nos roubam! Attendam-me, ouçam a minha voz que é de amigo!

Estas palavras, proferidas com a altivez da convicção, commoveram o povo, que permanecera entre enleado e attonito. De subito ouviu-se como um clamor unisono:

— O que nós queremos é a independencia da patria! E sacrificamo-nos para a restaurar! Castiguemos os atrevidos e rapinantes!

— Bem! — tornou o coronel Sousa — Estava certo de que podia contar com o apoio de todos. Estejam socegados e sigam o que lhes aconselhar.

O magote, com o coronel á frente, entrou na egreja socegradamente. Assim que terminaram as cerimoniaes religiosas, com a solemnidade do ritual, o povo tornou a apinhar-se no adro e então ouviram-se mui altos, vibrantes, entusiasticos vivas «á patria», «á Rainha», «ao Principe regente», «ao coronel Sousa», rematando com o:

— Viva o nosso commandante! Viva o nosso general que nos guiará!

O coronel José Lopes de Sousa, tambem visivelmente commovido, só poudé agradecer a manifestação popular com estas singelas palavras que lhe sahiam do coração:

— Rapazes, amigos! ter-me-hão sempre ao seu lado na defesa dos interesses da patria! Agora vou tratar do que nos convém organisar para essa defesa.

— Sim, sim! Viva o nosso commandante! — repetiram os do magote com mais intenso calor.

Eis ahí um quadro que sahiu pallido e a que eu não pude lançar côres apropriadas, mas que merecia paleta de mestre.

Assim se iniciou a 11 de junho 1808, no logar (depois villa) de Olhão, a gloriosa restauração do Algarve.¹

O coronel José Lopes de Sousa avistou-se pouco depois com um bom companheiro para o proseguimento dos trabalhos, que não se lhe figuravam de muito facil execução e de resultado vantajoso, posto não lhe faltasse o animo, e n'esse amigo e companheiro, que foi desde todo o principio o capitão Sebastião Martins Mestre, teve auxiliar dedicado, corajoso e intelligente, que com effeito lhe prestou auxilio efficaç. Tudo consta dos documentos da epocha.

Alguns dias depois é que poudé realisar-se a restauração de Faro, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio,

¹ Na obra, pouco vulgar, *Observador portuguez historico e politico de Lisboa*, riquissima de informações, publicada em 1809, lê-se a pag. 301:

«Olhão, no Algarve, principiou a obra da restauração.»

Quando em 1808 o Principe regente concedeu á povoação a categoria de villa, o povo deu-lhe o nome de *Olhão da restauração*.

Foi d'essa villa que em 1808 sahiu, com a inacreditavel temeridade que vem do patriotismo enraizado, um fragil barco de pescadores para levar ao Rio de Janeiro a noticia da retirada de Junot, depois do combate do Vimeiro.

O povo de Olhão é valente, patriota e laborioso.

na qual tiveram brilhante participação o tenente Belchior Drago de Brito Cabreira e seus irmãos Sebastião Drago e Severo Leão.

José Lopes de Sousa chegou ao posto de tenente general, honrado com o fôro de fidalgo cavalleiro, as commendas de Mazagão, da ordem de Christo e da alcaidaria-mór de Grandola, da ordem de S. Tiago, declarando-se nos respectivos diplomas, registados na Torre do Tombo, livro das mercês de El-Rei D. João VI, que lhe eram concedidas por exemplos de valor, patriotismo e distincção na Guerra Peninsular, e especialmente na restauração do Algarve.

X

Recorro ao t. III da obra de José Accursio das Neves e dos capitulos que tratam da «restauração do Algarve, principiada em Olhão», de pag. 270 a 307, copio o seguinte:

«... Olhão era um pequeno logar, apenas conhecido pelo nome; o Principe regente lhe fez a mercê de dar-lhe o fôro de villa em principio de recompensa pela lealdade e serviços dos seus habitantes n'esta gloriosa empresa: estes e os de algumas miseraveis aldeias circumvizinhas, que tão heroicamente romperam os ferros e começaram a revolução, não passavam de uns pobres pescadores, ou camponezes. Povos da Europa! Aprendei dos pescadores do Algarve lições de valor e de fidelidade!

«... o coronel do regimento portuguez de artilharia do Algarve, Caetano de Almeida, que, intimado pelo povo, se declara pela justa causa, e expede logo avisos ao tenente Belchior Drago para que volte immediatamente a unir-se aos nossos com o destacamento do seu commando. Dizem que o tenente, apenas recebeu o aviso, puzera immidia-

tamente ao seu pescoço a gola, de que ia prevenido, com o distinctivo das armas reaes, mandando tocar a postos, e marchar para Faro os seus soldados. Á entrada da cidade veio recebê-los muito povo com aclamações de alegria, e assim entraram em ar de triumpho, precedidos de um bando de rapazes com canas verdes levantadas.

«A este tempo já a revolução estava feita: era sómente necessario sustental-a e aperfeiçoal-a. O capitão Sebastião Drago Valente Cabreira, irmão de Belchior, que estava dormindo em sua casa e accordou ao toque dos sinos, sahio logo armado, e o povo lhe deferiu o commando. Outro seu irmão, o tenente Severo Leão Drago de Brito Cabreira, estava na guarda principal e chegou a marchar com os portuguezes que tinha ás suas ordens, para socegar o tumulto; vendo, porém, o aspecto serio que as coisas tomavam, voltou para a guarda, e os seus soldados se uniram logo ao povo. Elle mesmo não tardou em abraçar a patria; sendo estes tres irmãos do numero dos mais ardentos defensores de tão justa causa...»

Accursio das Neves foi extrahir estes pormenores da *Breve noticia da restauração do Algarve*, publicada por J. F. Lendereet, e da *Relação historica da revolução do reino do Algarve contra os francezes*, do professor Antonio Maria do Couto.

Ahi se vê a participação de alto relevo que tiveram as classes populares na restauração do reino contra o dominio das tropas napoleonicas. A massa do povo alliava-se muito bem e patrioticamente com as legiões do exercito nacionál. O povo, seguindo assim a sua inspiração de cooperar na salvação da patria, correu ás armas, que o livraram da oppressão.

O triumpho estava seguro!

Como se sabe, o professor Antonio Maria do Couto foi um dos patriotas que, n'aquella mofina epocha, maior nu-

mero do opusculos publicou com relação ás invasões francezas e verberando-as, umas com o seu nome e outras anonymas, porém logo constava que sahiam da sua penna acerada e fogosa. Estas publicações são hoje muito raras e muito difficil reunil-as. O seu numero excederá uma duzia. Andava ao par com o José Accursio, que não lhe ficou atraz na producção de folhetos para tratar com enthusiasmo do mesmo assumpto. Da maior parte encontram-se exemplares na preciosa collecção de impressos da epocha na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

XI

Para confirmar o que ficou exposto e demonstrar que me fundei em documentos, cuja veracidade não pode ser contestada, deixarei agora alguns trechos dos que me foram fornecidos pelo meu amigo e illustrado collega do periodico *A nação*, o sr. João Franco Monteiro, que teve a bondade e a gentileza de m'os facultar, declarando-me que, apesar de serem muito honrosos para os seus antepassados, que se nobilitaram no serviço da patria, se conservaram ineditos na sua casa. Pelo que transcrevo se verá a elevada consideração em que era tido em altas regiões o general Sousa e as mercês de que se tornou justamente crêdor:

1.—«Eu o Principe Regente dos Reynos de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber que tendo presente os relevantes serviços de José Lopes de Souza, marechal de campo dos meus reaes exercitos, feitos assim na restauração do Reyno de Portugal em que se expôz com exemplar valor, patriotismo e distincção, como na presente guerra, dando decididas provas do seu merecimento e animo e interpidez, por cujos assignalados feitos se fez

merecedor da minha real consideração: hey por bem fazer-lhe mercê (além de outras) em sua vida da comenda de Mazagão da ordem de Christo, etc.»—Tem a data de Lisboa 3 de agosto 1812.

2.—«Eu o Principe Regente dos Reynos de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber que attendendo ao que me representou o marechal José Lopes de Souza: hey por bem que elle possa administrar a comenda de Mazagão da sobredita ordem por tempo de um anno, contado de onze de agosto do presente até o mesmo dia do presente de mil oitocentos e treze, etc.»—Tem a data de Lisboa 5 de outubro 1812.

3.—«Dom João por graça de Deus Rey do Reyno unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc. Faço saber aos que esta minha carta de commenda virem como por parte do marechal de campo José Lopes de Souza, cavalleiro professo da ordem de Christo me foi apresentado um alvará por mim assignado, registado no registo geral das mercês e passado pela chancellaria da ordem do theor seguinte (segue o alvará que está registado no livro 10 do Principe Regente, fl. 307) pedindo-me o dito marechal de campo José Lopes de Souza que em cumprimento do alvará acima encorporado lhe fizesse mercê mandasse passar-lhe carta da commenda nelle referida e visto seu requerimento e breve do nuncio apostolico, porque despendeu com elle na falta de serviços em Africa: hey por bem e me praz fazer mercê, além de outras, ao dito José Lopes de Souza, marechal de campo dos meus reaes exercitos, cavalleiro professo na ordem de Christo, da commenda de Mazagão da mesma ordem em sua vida sómente.»—Tem a data de Lisboa 16 de outubro 1816.

4.—«Eu El-Rei, como governador e perpetuo administrador que sou do mestrado, cavalaria e ordem de Nosso

Senhor Jesus Christo. Faço saber aos que este meu alvará virem, que querendo dar ao tenente general José Lopes de Souza uma prova mais da consideração em que o tenho pelos relevantes serviços que me fez na gloriosa restauração de Algarve: Hei por bem em accrescentamento da remuneração que já teve por decreto de dezesete de dezembro de mil oitocentos e onze, e em satisfação dos serviços posteriormente prestados até hoje fazer-lhe mercê de uma vida mais na commenda de Mazagão da dita ordem, que possue, etc.»—Tem a data de Lisboa 1 de dezembro 1816.

5.—«Eu o Principe Regente, etc. Faço saber que tendo presente os relevantes serviços que José Lopès de Souza, marechal de campo dos meus reaes exercitos, feitos assim na restauração do Reyno de Portugal, em que se expôz com exemplar valor, patriotismo e distincção, como na presente guerra, dando decididas provas do seu merecimento, animo, intrepidez, por cujos assignalados feitos se faz merecedor da minha real consideração: hey por bem fazer-lhe mercê em sua vida da alcaidaria-mór de Grândola da ordem de S. Tiago, etc.»—Tem a data de Lisboa 4 de abril 1818.

6.—«Eu ElRey faço saber... que attendendo no que me representou José Lopes de Souza, tenente general dos meus reaes exercitos, natural desta cidade, filho de Manuel Ribeiro de Souza, o pertencer-lhe o fôro de fidalgo cavalleiro da minha real casa pela patente que já possuia de marechal de campo, motivo porque: hey por bem de o tomar por fidalgo da minha casa com dois mil réis de moradia por mez de fidalgo cavalleiro e um alqueire de cevada por dia paga segundo ordenança e he o fôro e moradia pela dita patente lhe pertencia, etc.»—Tem a data de Lisboa 26 de maio 1826.

O documento que vou extractar é de caracter familiar, mas de importancia por conter informações biographicas e linhas fidedignas do caracter do general José Lopes de Sousa. É o instrumento de nomeação voluntaria e obrigação lavrada a 3 de fevereiro 1835 em as notas do tabelião de Lisboa João Baptista Scola, o qual fôra chamado á morada do outorgante no sitio do Monte Agudo, estrada da Penha de França, perante as testemunhas da lei, estando tambem presente a filha do general D. Maria Candida do Carmo e Sousa Zuzarte e seu marido o dr. João Franco Monteiro, medico da real camara e cavalleiro professo na ordem de Christo.

O outorgante declarou que, sendo commendador em duas vidas na commenda de Mazagão, da mesma ordem, da propria vontade e motu proprio, isto é, sem interferencia de qualquer pessoa extranha, passava a segunda vida da referida commenda á dita sua filha, transferindo-lhe desde aquelle momento a posse, accentuando por ter sido essa filha sempre muito obediente e cumprindo religiosamente todos os seus deveres de boa filha e por ser a mais velha; e, esperando que assim continuasse, podia desde já tomar posse requerendo devidamente o respectivo diploma régio. Quer a filha tomasse ou não desde logo a posse, obrigava-se o outorgante a não contrariar nem reclamar o que declarara na escriptura, que extratei, e assim a ratificava.

Então, a filha do general, D. Maria Candida, declarou em seguida que acceitava a dita escriptura na fôrma por que fôra lavrada, e o notario Scola encerrou o acto, que foi assignado pelas pessoas presentes, designadas no documento citado.

O marido de D. Maria Candida era pessoa de elevados dotes e muito querido do general.

O dr. João Franco Monteiro, natural da Cortegana, concelho de Alemquer, nascera a 27 de outubro 1773,

filho de outro do mesmo nome e sobrinho do prior da parochial de S. Nicolau, do patriarchado de Lisboa, reverendo padre João Antunes Monteiro, esmoler-mór de El-Rei D. João V, e seu intimo, porquanto se sabia que o dito soberano o admittia em confidencias e até o levava ao conselho de estado para valer-se da reconhecida illustração d'esse sacerdote. O dr. João Franco Monteiro cursara a Universidade de Coimbra, onde recebera o grau de bacharel formado na faculdade de philosophia em 19 de julho 1791 e na de medicina em 30 de julho 1804, recebendo premios no 2.º, 3.º e 4.º annos d'esta ultima faculdade. Cavalleiro professo na ordem de Christo, por mercê de El-Rei D. João VI, concedida no dia do baptisado de sua neta a Princeza D. Maria da Gloria (depois Rainha D. Maria II); fidalgo da casa real e primeiro medico da real camara, funcções que exercera até 1834. Depois permaneceu no desempenho d'essas funcções scientificas junto da Infanta D. Izabel Maria até o seu fallecimento, occorrido em Lisboa, residindo então n'uma rua de cujo nome não me recordo, mas que teve depois o de Escolas Geraes, aos 18 de novembro 1851.

O dr. João Franco Monteiro enviuvara de sua primeira mulher, D. Maria Polycarpa do Monte do Carmo, acafata do paço, passara a segundas nupcias com D. Maria Candida de Sousa Zuzarte, filha primogenita do tenente general José Lopes de Sousa, o libertador do Algarve.

Reitero os meus sinceros agradecimentos ao meu bom e illustrado collega, sr. João Franco Monteiro, pelo favor de confiar-me os documentos, que se conservavam inéditos na sua nobre familia e que me proporcionaram escrever estas linhas com tão interessantes esclarecimentos para a historia nacional.

XII

A commemoração da batalha do Bussaco deve considerar-se como padrão erigido á gloria de Portugal!

A aguia, que levantara o vôo alteroso e arrogante para augmentar os loiros do «filho querido da Victoria», tinha de padecer o assombroso desastre nos relevos da serra portugueza, e afinal cahir esmagada nos campos de Waterloo!

Foi alli uma derrota e um aviso!

E ahi fluctuaram, em ondulações fascinantes pelas brisas que se coavam de entre os massiços de gigantéos cedros, as bandeiras das quinas e da Gran-Bretanha, firmando mais uma vez com o sangue de seus defensores e martyres a perduravel alliança que ligaria as duas nações para derrubar o monstro guerreiro!

Concorrâmos, pois, para que se avivem na memoria das gerações, que vão passando, factos que honram, engrandecem e glorificam a patria!

